ALFAGUARA

AS MÃES

BRIT BENNETT

Tradução de Eugénia Antunes

Um

Ao princípio não acreditámos, porque já se sabe que as pessoas que vão à igreja costumam ser mexeriqueiras.

Como aquela vez em que toda a gente achou que John Primeiro, o nosso porteiro principal, andava a enganar a esposa, porque Betty, a secretária do pastor, o apanhou a insinuar-se a outra mulher durante um *brunch*. Era uma mulher jovem e elegante, além do mais, que meneava as ancas ao andar, embora não tivesse o direito de menear o que quer que fosse em frente de um homem casado há quarenta anos. Que um homem seja infiel à mulher uma vez, ainda se compreende, mas que vá para um café adular uma jovem entre um *croissant* amanteigado e outro, isso já é uma coisa completamente diferente. No entanto, antes que tivéssemos oportunidade de repreendê-lo, John Primeiro apresentou-se na igreja no domingo seguinte com a esposa e a jovem meneadora de ancas — uma sobrinha-neta que viera de Fort Worth para o visitar —, e o assunto morreu ali.

Ao início, então, quando ficámos a saber, achámos que talvez fosse o mesmo tipo de segredo, se bem que, em abono da verdade, nos tivesse parecido diferente. Também tinha um sabor distinto. É que todos os bons segredos têm um determinado sabor antes de os contarmos, e, se tivéssemos demorado mais algum tempo a degustá-lo, teríamos porventura reparado na acidez típica de um segredo ainda

por amadurar, colhido cedo demais, rapinado e propagado antes do tempo certo. Mas não o fizemos. Partilhámos este segredo acre, um segredo que teve início na primavera em que o filho do pastor engravidou Nadia Turner e ela foi à clínica de abortos na baixa da cidade tratar do assunto.

Ela tinha dezassete anos na altura. Vivia com o pai, *marine*, e sem a mãe, que se suicidara seis meses antes. Ganhara uma má reputação desde a morte da mãe: era jovem, estava assustada e tentava esconder atrás da sua beleza o medo que sentia. Nadia era uma rapariga bonita, muito bonita até, com pele cor de âmbar, cabelo comprido e sedoso e olhos que mudavam de cor: olhos que eram uma mescla de castanho, cinzento e dourado, consoante a luz. Tal como a maior parte das raparigas, já se tinha dado conta de que a beleza nos expõe e também nos oculta e, à semelhança dessas raparigas, não aprendera ainda a distinguir a diferença entre uma coisa e outra. Assim, ouvimos falar das suas escapadelas até ao outro lado da fronteira, para dançar em clubes noturnos em Tijuana, da garrafa de água cheia de vodca que levava com ela para o liceu de Oceanside, dos sábados que passava na base militar a jogar bilhar com os *marines*, das noites em que acabava com os saltos dos sapatos contra a janela embaciada do carro de um tipo qualquer. Meros boatos, talvez, à exceção de uma história que se revelou verdadeira: que passou o último ano do liceu a rebolar-se na cama com Luke Sheppard e que, chegada a primavera, já tinha o filho dele a crescer-lhe na barriga.

Luke Sheppard servia às mesas no Fat Charlie's Seafood Shack, um restaurante que ficava junto ao molhe e que era conhecido pela comida fresca, pela música ao vivo e pelo

excelente ambiente familiar. Ou isso era, pelo menos, o que o anúncio no *San Diego Union-Tribune* afirmava, e só um palerma acreditaria nele. Quem vivia há tempo suficiente em Oceanside sabia que a comida fresca era *fish and chips* do dia anterior, requentados sob lâmpadas de aquecimento, e a música ao vivo, quando havia, era habitualmente produzida por uma mancheia de adolescentes com calças de ganga rasgadas e alfinetes de ama nos lábios. Nadia Turner também sabia outras coisas acerca do Fat Charlie's que não ficavam bem num anúncio de jornal, como o facto de uma travessa de nachos com queijo serem o petisco perfeito para curar uma bebedeira ou de o cozinheiro-chefe vender a melhor marijuana que havia daquele lado da fronteira. Sabia também que no interior do restaurante, pendurados por cima do balcão, havia vários coletes salva-vidas amarelos e que, no final dos seus longos turnos, os três empregados de mesa negros costumavam dizer que mais parecia que estavam num navio negreiro. Nadia sabia estes segredos acerca do Fat Charlie's porque Luke lhos contara.

— Então, e os douradinhos de peixe? — indagava ela.

— Empapados como a merda.

— E a massa de marisco?

— Nem te metas nisso.

— Qual é o mal da massa?

— Sabes como é que fazem aquela merda? Pegam em peixe já com vários dias e recheiam os raviólis com ele.

— Pronto, então pode ser o pão.

— Quando um cliente não o come todo, damo-lo a outro. Portanto, estás prestes a comer o pão de um tipo que passou o dia a coçar os tomates.

No inverno em que a mãe de Nadia se matou, Luke salvou-a de pedir os pastéis de caranguejo. (Caranguejo de

imitação frito em banha.) Nadia ganhara o hábito de vagabundear depois das aulas: metia-se no primeiro autocarro que aparecia e saía onde quer que este a deixasse. Umas vezes rumava a leste, até Camp Pendleton, e aí metia-se no cinema ou jogava *bowling* num Stars and Strikes ou umas partidas de bilhar com os *marines*. Os mais jovens eram os que mais sofriam de solidão, por isso não tinha dificuldade em encontrar um bando de recrutas, encafifados com as suas cabeças rapadas e botas descomunais, e acabava invariavelmente a noite aos beijos com um deles, até que lhe dava vontade de chorar. Outras vezes ia para norte, para lá da igreja do Upper Room, onde a costa de transformava em fronteira. A sul havia mais praias, melhores, com areia tão branca como as pessoas que nela se estendiam, praias com passadiços de madeira e montanhas-russas, praias atrás de vedações. Não podia ir para oeste. A oeste ficava o oceano.

Metia-se naqueles autocarros para se afastar da sua antiga vida, na qual, no final das aulas, se entretinha no parque de estacionamento da escola com as amigas enquanto esperavam pelas aulas de condução, ou então trepavam as bancadas para assistir aos treinos da equipa de futebol ou iam em bando à hamburgueria In-N-Out. Também se divertia na Jojo's Juicery com os colegas de trabalho, dançava em redor de fogueiras e não hesitava em trepar o pontão quando desafiada para tal, porque estava sempre a fingir que não tinha medo. Surpreendia-se ao perceber que raramente estivera sozinha, naquela época. Sentira-se como uma espécie de bastão, daqueles que as líderes de claque usavam, passada de mão em mão dia após dia: o professor de Matemática passava-a ao de Espanhol que a passava ao de Química, que a passava aos amigos

e estes aos pais. Então, um dia, a mão da mãe desaparecera e ela caíra e estatelara-se no chão.

Agora não suportava estar ao pé de ninguém: dos professores, que lhe desculpavam os trabalhos atrasados com sorrisos pacientes; das amigas, que paravam com as graçolas quando ela se sentava junto delas ao almoço, como se pudessem ofendê-la com a sua felicidade. Na aula de Administração Pública, quando o Sr. Thomas pedia que trabalhassem em pares, as amigas apressavam-se a escolher-se umas às outras e a Nadia não restava alternativa a não ser ficar com a outra rapariga calada e solitária da turma, Aubrey Evans, que à hora do almoço frequentava as reuniões do Clube Cristão, não tanto para melhorar os seu currículo de ingresso na universidade (não levantara o braço quando o Sr. Thomas perguntara quem entregara candidaturas), mas porque achava que Deus se ralava com o facto de ela passar uma hora fechada numa sala de aulas a planear a entrega de latas de comida aos pobres. Aubrey Evans, que usava um modesto anel de pureza ao qual dava voltas no dedo enquanto falava, e que ia sempre sozinha à igreja, porque o mais certo era que fosse a filha devota de um casal de ateus fervorosos que a pobre se esforçava por conduzir à luz. Depois do primeiro trabalho de grupo, Aubrey chegara-se a ela e, em voz baixa, dissera:

— Só queria dizer-te que lamento muito. Temos todos rezado por ti.

Parecera sincera, mas que importava isso? Nadia não ia à igreja desde o funeral da mãe. Em vez disso, andava de autocarro. Uma tarde, apeou-se na baixa, em frente ao Hanky Panky. Tinha a certeza de que alguém a impediria — parecia inclusivamente uma criança, com a mochila às costas —, mas o porteiro, empoleirado num banco junto

à porta, nem levantou os olhos do telemóvel quando ela se esgueirou lá para dentro. Às três da tarde de uma terça-feira, o clube de *strip* estava às moscas e as mesas prateadas elanguesciam sob as luzes do palco. Estores pretos impediam o sol de entrar pelas janelas e, naquela escuridão artificial, homens brancos e gordos, refastelados em cadeiras e com os bonés de basebol enfiados até aos olhos, olhavam para a rapariga branca e flácida que dançava no palco e abanava as mamas como se fossem pêndulos.

Na escuridão do clube, uma pessoa podia ficar a sós com a sua dor. O pai entregara-se por completo à igreja. Ia aos dois serviços dominicais, às sessões de estudo bíblico à quarta-feira à noite, aos ensaios vespertinos do coro à quinta-feira, embora não cantasse e os ensaios fossem só para os membros do coro, só que ninguém tinha coragem de correr com ele. O pai de Nadia exibia a sua dor nos bancos da igreja, mas ela fazia-o em lugares onde ninguém podia vê-la. O empregado de bar encolhia os ombros quando ela mostrava a sua identificação falsa e preparava-lhe rum com *Coca-Cola*, que ela ia bebericar para um canto escuro enquanto via os corpos maltratados das mulheres a rodar no palco. Não eram mulheres jovens e magras, essas o clube tinha reservadas para os espetáculos noturnos e para os fins de semana, mas mulheres mais velhas, com estrias e celulite, que dançavam enquanto pensavam na lista do supermercado e no sustento dos filhos. A sua mãe teria ficado horrorizada com aquilo — a sua filha num clube de *striptease*, e em plena luz do dia! —, mas isso não demovia Nadia, que continuava a frequentá-lo e a beber sem pressa as bebidas aguadas que lhe serviam. Na terceira vez que ali foi, um homem negro e velho puxou de uma cadeira e sentou-se ao lado dela. Vestia uma camisa vermelha

de xadrez sob os suspensórios, e o boné com o logótipo da loja de artigos para pesca *Pacific Coast Bait & Tackle* deixava à mostra algumas madeixas de cabelo grisalho.

— Que bebes? — perguntou ele.

— O mesmo que você — respondeu ela.

Ele riu-se.

— Ora. Isto é para homens crescidos, não é para uma mocinha como tu. Peço-te uma coisa doce, pode ser, querida? Tens cara de ser gulosa.

Sorriu e pousou a mão na coxa dela, com as unhas, compridas e enegrecidas, cravadas no algodão das suas calças de ganga. Antes que Nadia se pudesse afastar, uma mulher negra de cerca de quarenta anos e exibindo um sutiã e umas cuecas magentas e cintilantes abeirou-se da mesa. As estrias na sua barriga pareciam as listas de um tigre.

— Deixa a miúda em paz, Lester — ordenou a mulher. Depois, para Nadia: — Anda daí, vamos apanhar ar.

— Oh, Cici, estava só a falar com ela — reclamou o idoso.

— Tem dó — ripostou Cici. — A miúda é mais nova do que o relógio que tens no pulso.

Conduziu Nadia ao bar e despejou pelo ralo o que sobrava da sua bebida. Depois vestiu um casaco branco e fez sinal a Nadia para que a seguisse até à rua. Contra o céu baixo e cinzento, a silhueta monótona do Hanky Panky parecia ainda mais deprimente. Duas raparigas brancas fumavam a alguma distância e ambas acenaram ao verem Cici e Nadia. Cici devolveu o lânguido cumprimento e acendeu um cigarro.

— Tens uma cara bonita — disse Cici. — Isso são os teus olhos verdadeiros? És mestiça?

— Não — respondeu Nadia. — Quer dizer, são os meus olhos, mas não sou mestiça.

— Pareces. — Cici soprou o fumo do cigarro para o lado. — Andas fugida? Ora, não olhes assim para mim. Não vou fazer queixa de ti. Farto-me de ver miúdas como tu por aqui, a ver se ganham um dinheirito. Não é legal, mas o Bernie não se importa. Ele dá-te uma chance de subires ao palco, a ver o que consegues fazer, mas não esperes uma receção muito calorosa. Já é difícil competir pelas gorjetas com as gajas louras… portanto, espera até as miúdas verem esse teu belo traseiro clarinho.

— Não quero dançar — disse Nadia.

— Não sei o que procuras, mas não vais encontrá-lo aqui. — Cici inclinou-se para ela. — Sabes que tens olhos transparentes? Parece que consigo ver através deles. Tristeza é o que o vejo do outro lado. — Afundou a mão no bolso e pescou uma mancheia de notas amarrotadas. — Isto não é lugar para ti. Vai ao Fat Charlie's e pede qualquer coisa para comer. Anda.

Nadia hesitou, mas Cici pressionou as notas contra a palma de Nadia e fechou-lhe a mão num punho. Talvez pudesse alinhar naquilo, fingir que andava fugida, e talvez, de certo modo, até andasse. O pai nunca lhe perguntava onde estivera. Nadia chegava a casa à noite e encontrava o pai esparramado no cadeirão reclinável, a ver televisão às escuras, na sala de estar. Ficava sempre surpreendido quando ela abria a porta da frente, como se nem tivesse reparado que ela não estava em casa.

No Fat Charlie's, Nadia estava sentada a uma mesa no fundo, a folhear o menu, quando Luke Sheppard saiu da

cozinha, com um avental branco atado na anca e a *T-shirt* preta com o logótipo do restaurante esticada sobre o peito musculado. Continuava tão giro como quando tinham frequentado a catequese juntos, só que entretanto Luke era um homem, bronzeado e musculado, com o queixo bem definido coberto por uma barba incipiente. E coxeava, apoiando-se mais na perna esquerda; porém, aquela maneira de andar claudicante, irregular e cuidadosa só fazia com que o desejasse ainda mais. A mãe morrera há um mês e Nadia sentia-se atraída por quem quer que exibisse a sua dor despudoradamente, ao contrário dela. Nem sequer chorara no funeral. Aquando da refeição que se seguira, uma procissão de convidados encomiara-a pela sua coragem e o pai contornara-lhe os ombros com o braço. Sentado no banco, durante o serviço fúnebre, o pai inclinara-se para a frente com o tronco corcovado a tremer, num pranto masculino, mas que não deixava de ser um pranto, e pela primeira vez na vida Nadia interrogou-se se não seria mais forte que o pai.

Seria de esperar que uma dor interior se mantivesse aí mesmo, no interior. Que estranho devia ser doer por fora e não poder ocultar semelhante dor. Pôs-se a brincar com a capa do menu enquanto Luke coxeava até à sua mesa. Ela e toda a congregação da Upper Room tinham assistido à maneira como a sua promissora carreira de jogador de futebol chegara ao fim logo na segunda temporada. Um pontapé de saída rotineiro, e uma placagem malsucedida resultara numa fratura exposta na perna. Os comentadores da partida haviam dito que seria uma sorte se Luke voltasse a andar normalmente, quanto mais tornar a jogar, portanto, não fora uma surpresa para ninguém quando a Universidade de San Diego lhe retirara a bolsa. Contudo,

Nadia não tornara a ver Luke desde que ele saíra do hospital. Na sua cabeça, ele continuava estendido numa cama, cercado de enfermeiras desveladas, e com a perna engessada e erguida.

— O que estás aqui a fazer? — perguntou ela.

— Trabalho aqui — respondeu ele, e depois riu-se, mas a gargalhada soou áspera, como uma cadeira subitamente arrastada no chão. — Como é que tens andado?

Ocupado a folhear o bloco, evitou olhar para ela, e Nadia percebeu que ele estava a par do sucedido.

— Tenho fome — disse ela.

— É assim que tens andado? Com fome?

— Queria os pastéis de caranguejo.

— É melhor não. — Guiou-lhe o dedo ao longo do menu plastificado até chegar aos nachos. — Experimenta antes isto.

A mão dele contornava suavemente a dela, como se estivesse a ensiná-la a ler, deslocando-lhe o dedo ao longo de palavras desconhecidas. Luke sempre tivera o condão de a fazer sentir-se incrivelmente jovem, como dois dias mais tarde, quando voltou a sentar-se a uma das mesas e tentou pedir uma margarita. Luke riu-se ao olhar para a identificação falsa da Nadia.

— Vai enganar outro — disse ele. — Não tens, tipo, doze anos?

Nadia semicerrou os olhos.

— Vai à merda — respondeu ela. — Tenho dezassete.

Só que a resposta saiu-lhe tão altiva que Luke se riu de novo. Ainda que tivesse dezoito anos — e só os completaria no final de agosto — ele iria achá-la demasiado nova. Ainda estava no liceu. Ele tinha vinte e um e já tinha frequentado a universidade, uma universidade verdadeira, e não

o instituto politécnico local por onde toda a gente vadiava durante uns meses depois do liceu e antes de arranjar um emprego. Nadia candidatara-se a cinco universidades e, enquanto esperava pelos resultados, aproveitou para questionar Luke acerca da vida de universitário, tipo se os balneários eram tão nojentos quanto ela os imaginava e se as pessoas punham realmente meias nas maçanetas das portas quando queriam privacidade. Luke falou-lhe das corridas em roupa interior e das festas de espuma, de como maximizar o plano de alimentação, e de como conseguir mais tempo num exame, fingindo um problema de aprendizagem. Luke sabia coisas e conhecia raparigas, raparigas universitárias que iam de saltos altos para as aulas, e não de ténis; que levavam os livros em malas e não em mochilas, e que passavam o verão a fazer estágios na Qualcomm ou no California Bank & Trust, e não a fazer sumos no pontão. Nadia imaginou-se uma dessas raparigas universitárias sofisticadas, imaginou Luke a meter-se no carro para ir ter com ela ou, caso a universidade ficasse noutro estado, a apanhar um avião para a ir visitar nas férias da Páscoa. Por certo que se riria dela, se soubesse o papel que desempenhava na sua vida imaginada. Tinha por hábito meter-se com Nadia, como quando ela começou a fazer os trabalhos de casa no Fat Charlie's.

— Porra! — exclamou ele, ao folhear o seu manual de Cálculo. — És uma marrona.

Não era, em abono da verdade, simplesmente aprendia com facilidade. (A mãe costumava troçar dela por causa disso; «deve ser bom ser-se assim», dizia ela, quando Nadia chegava a casa com um teste com vinte valores para o qual apenas estudara na noite anterior.) Ocorreu-lhe que as disciplinas avançadas que estava a fazer pudessem afugentar

Luke, mas ele gostava que ela fosse inteligente. Estás a ver esta miúda aqui, diria ele a um colega de passagem, vai ser a primeira presidente negra, vais ver. Todas as raparigas negras minimamente inteligentes ouviam isto. Mas Nadia gostava que Luke a elogiasse e apreciava ainda mais quando ele se metia com ela por causa dos estudos. Luke não a tratava como o resto das pessoas na escola, que ora a evitavam ora lhe falavam como se ela fosse uma coisa frágil que qualquer palavra brusca quebraria.

Uma noite de fevereiro, Luke deu-lhe boleia até casa e ela convidou-o a entrar. O pai estava ausente naquele fim de semana, num retiro da igreja, por isso a casa estava às escuras e em silêncio quando chegaram. Nadia queria oferecer uma bebida a Luke — era o que as mulheres faziam nos filmes, oferecer ao homem um copo quadradão com um líquido escuro e masculino —, mas o luar incidia sobre a cristaleira desprovida de garrafas e Luke encurralou-a contra a parede e beijou-a. Nadia não lhe disse que aquela era a sua primeira vez, mas ele percebeu. Na cama dela, perguntou-lhe por três vezes se queria que parasse, e de cada vez ela respondeu que não. O sexo doía e era isso que ela queria. Queria que Luke fosse a sua dor exterior.

Na primavera, Nadia já sabia a que horas Luke saía do trabalho e quando podia encontrar-se com ele no canto mais escuro do parque de estacionamento, onde duas pessoas podiam estar sozinhas. Sabia quais eram as suas noites de folga, noites essas em que ouvia o carro dele subir a rua devagarinho e passava em bicos dos pés em frente à porta fechada do quarto do pai. Sabia os dias em que o turno dele começava mais tarde, e nesses dias metia-o em casa às escondidas antes que o pai chegasse do trabalho. Sabia ainda que Luke usava a *T-shirt* do restaurante um número

ALFAGUARA

O romance de estreia de Brit Bennett, autora do fenomenal *A outra metade* e herdeira da tradição literária norte-americana firmada por James Baldwin, Toni Morrison e Chimamanda Ngozi Adichie

Sobre o pano de fundo de uma comunidade afro-americana marcada pela religião, no Sul da Califórnia, *As mães* conta uma história comovente e perspicaz sobre amor e ambição. Tudo começa com um segredo: «Todos os bons segredos têm um determinado sabor antes de os contarmos, e, se tivéssemos demorado mais algum tempo a degustá-lo, teríamos porventura reparado na acidez típica de um segredo ainda por amadurar, colhido cedo demais, rapinado e propagado antes do tempo certo.»

Nadia Turner está no fim do liceu e é uma adolescente rebelde, angustiada, muito bonita. Imersa no luto após o suicídio da mãe, envolve-se com Luke, um rapaz um pouco mais velho, filho do pastor da comunidade. São miúdos, não é nada sério. Mas desse romance resultará um segredo com um impacto duradouro. Pouco depois, Nadia abandona a terra natal, para forjar uma vida só sua.

Os anos passam. Já adultos, Nadia, Luke e Aubrey, a melhor amiga, ainda vivem no rescaldo da escolha que fizeram naquele Verão à beira-mar, enredados num estranho triângulo amoroso e perseguidos pela dúvida: como seria agora, se tivessem, então, feito uma escolha diferente?

Numa prosa encantatória e desafiante, *As mães* revela que as escolhas que seguimos deixam marca até ao fim.

PRÉMIO LIRE PARA MELHOR ROMANCE ESTRANGEIRO
FINALISTA DO PRIX MÉDICIS e DO PEN/ROBERT W. BINGHAM PRIZE FOR DEBUT FICTION

«Agridoce, sensual, moralmente desafiante.»
The New York Times Book Review

«Há romances que encontram o seu lugar enquanto os lemos e há romances que se tornam mais complexos quando pensamos neles retrospetivamente. Brit Bennett alcança aqui uma rara combinação, com um livro que vibra ao virar da página e que incita reflexão posterior.» *The Washington Post*

Penguin Random House Grupo Editorial
www.penguinlivros.pt
alfaguaraeditora
penguinlivros
ISBN 9789897848711